

ESCRITOS de FÚLVIA ROSEMBERG



Coordenador do Conselho Editorial de Educação
Marcos Cezar de Freitas

Conselho Editorial de Educação

José Cerchi Fusari
Marcos Antonio Lorieri
Marli André
Pedro Goergen
Terezinha Azerêdo Rios
Valdemar Sguissardi
Vitor Henrique Paro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Artes, Amélia

Escritos de Fúlvia Rosemberg / Amélia Artes, Sandra Unbehaum.
— São Paulo : Cortez : Fundação Carlos Chagas, 2015.

Apoio: Fundação Ford.

Bibliografia

ISBN 978-85-249-2373-9 (Cortez)

1. Educação - Finalidades e objetivos 2. Educação - Pesquisa 3.
Escritos - Coletâneas 4. Ensaios - Coletâneas 5. Literatura brasileira
6. Rosemberg, Fulvia, 1942-2014 I. Unbehaum, Sandra. II. Título.

15-07133

CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritos : Coletâneas : Literatura brasileira 869.98

Amélia Artes
Sandra Unbehaum

ESCRITOS de
FÚLVIA ROSEMBERG

Coedição: Fundação Carlos Chagas
Apoio: Fundação Ford

1ª edição
1ª reimpressão

 **CORTEZ**
EDITORA

ESCRITOS DE FÚLVIA ROSEMBERG
Amélia Artes e Sandra Unbehaum (Orgs.)



Capa: de Sign Arte Visual
Preparação de originais: Solange Martins
Revisão: Patrizia Zagni
Composição: Linea Editora Ltda.
Editora-assistente: Priscila F. Augusto
Coordenação editorial: Danilo A. Q. Morales

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa do espólio e das organizadoras.

© 2015 by (autor)

Direitos para esta edição
CORTEZ EDITORA
Rua Monte Alegre, 1074 — Perdizes
05014-001 — São Paulo — SP
Tel.: (55 11) 3864-0111; 3611-9616
E-mail: cortez@cortezeditora.com.br
www.cortezeditora.com.br

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Av. Prof. Francisco Morato, 1565
05513-900 – São Paulo – SP
Tel.: (55 11) 3721-4511 Fax (55 11) 3721-1059
Home-page: [http: www.fcc.org.br](http://www.fcc.org.br)
Apoio: Fundação Ford

Impresso no Brasil — janeiro de 2021

Sumário

Apresentação

Amélia Artes e Sandra Unbehaum..... 9

Parte 1

FÚLVIA, POR ELA MESMA: UMA PESQUISADORA-DOCENTE

Memorial de Fúlvia Rosemberg: introdução..... 17

Parte 2

FÚLVIA, FORMANDO PESQUISADORES: NEGRI – NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO, RAÇA E IDADE, DA PUC DE SÃO PAULO

Estudos sociais da infância: uma revisão

Maria Sílvia Ribeiro, Carla Pellicer dos Santos, Maria Eduarda Abrantes Torres e Alciene Alves Ferreira..... 29

Aqui ou além-mar: Fúlvia Rosemberg, “pelo direito das crianças e dos negros”

Marta Lúcia da Silva e Marcos Antonio Batista da Silva..... 60

Parte 3

FÚLVIA, ATIVISTA: IGUALDADE DE DIREITOS DE NEGROS E INDÍGENAS NO ENSINO SUPERIOR

O legado de uma intelectual pública <i>Valter Roberto Silvério</i>	83
Algumas questões para o debate sobre o estatuto da igualdade racial e a ação afirmativa <i>Fúlvia Rosemberg</i>	102
Ação afirmativa no ensino superior brasileiro: tensão entre raça/etnia e gênero <i>Fúlvia Rosemberg</i>	107
Balanco e reflexões sobre desigualdades de raça e gênero no sistema educacional brasileiro <i>Fúlvia Rosemberg</i>	124
Ação afirmativa: parcerias e desafios <i>Fúlvia Rosemberg</i>	142

Parte 4

FÚLVIA, SUA LEALDADE CAPITAL: DIREITOS DAS CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

Andarilha que era... <i>Maria Machado Malta Campos</i>	153
Um roteiro histórico-sentimental pelas creches e pré-escolas da cidade de São Paulo <i>Fúlvia Rosemberg</i>	158

A complexidade do multiculturalismo no Brasil: relações de gênero, família e políticas de educação infantil <i>Fúlvia Rosemberg</i>	189
A juventude e as etapas da vida <i>Fúlvia Rosemberg</i>	201
São Paulo, uma cidade hostil aos bebês <i>Fúlvia Rosemberg</i>	210
Políticas públicas e qualidade da educação infantil <i>Fúlvia Rosemberg</i>	216

Parte 5

FÚLVIA, PESQUISADORA CRÍTICA: PRODUÇÃO CONSISTENTE DE INDICADORES

O conceito e o modo de calcular as idades: último legado <i>Rita de Cássia de Freitas Coelho</i>	239
Análise das discrepâncias entre as conceituações de educação infantil do Inep e do IBGE: sugestões e subsídios para uma maior e mais eficiente divulgação dos dados <i>Fúlvia Rosemberg</i>	241
Sobre as organizadoras	279
Fúlvia, em retratos	281

Apresentação

Continuarei tecendo a colcha.
Espero poder desfazer costuras,
Escolher novos retalhos
Aprender novos pontos,
E quem sabe,
Renovar e fortalecer os fios.
(Fúlvia Rosemberg, 1993)

Com esta frase Fúlvia Rosemberg concluiu seu Memorial, escrito em 1993 para o concurso de professor associado junto à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Com a ideia de “costura”, ela nos apresentou sua trajetória de vida e seus planos futuros, suas inquietações. Do mesmo modo, este livro, em sua homenagem, apresenta tessituras de uma pesquisadora e docente insurgentes.

Fúlvia era uma destas pessoas intensas em muitos sentidos — nas relações pessoais, acadêmicas e políticas. Assim foi inclusive em sua partida. Essa intensidade não foi abalada nem mesmo em seus últimos meses. Viagens quase semanais para participar de eventos sobre direitos, acesso à educação e qualidade no atendimento das crianças, com uma especial atenção aos bebês. Ela era uma defensora incondicional da “cidadania dos bebês”. Fúlvia era também ativista, pesquisadora e proponente de ações que pudessem modificar o acesso de

negros e indígenas ao ensino superior e em especial à pós-graduação, considerado um espaço privilegiado de construção de saberes. Ao mesmo tempo olhava cuidadosa e criticamente para as ações afirmativas. Saía mundo afora advogando suas preocupações e, de certo modo, invocando a todos a tecer novos fios no enfrentamento das desigualdades sociais. Em seu último ano de vida, Fúlvia visitou 14 estados brasileiros, fez uma viagem ao México, percorrendo mais de 40 mil quilômetros, quase uma volta ao mundo.

O tamanho da colcha tecida por Fúlvia pode ser medido na intensidade de sua produção científico-acadêmica. Seu currículo Lattes¹ apresenta, em 55 páginas, 95 artigos publicados no período de 1973 a 2014; 102 livros ou capítulos de livros, entre 1976 e 2014; as orientações de mestrado e doutorado somam 58, de 1987 a 2014, e inacreditáveis 128 apresentações de trabalho no período de 2000 a 2014.

A capacidade de costurar temas que vão dos bebês aos pós-graduados pode ser confirmada pelo número de suas citações no Google Acadêmico.² O artigo “Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo”, publicado em 2001 na revista *Estudos Feministas*, tem 95 citações. Em seguida, com 67 citações, temos o artigo publicado em 1996 nos *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas: “Educação infantil, classe, raça e gênero”. Com Maria Malta Campos publicou, em 1995, o que se tornaria um clássico: *Critérios para o atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças*, produzido pelo MEC e reeditado em 2009. Conhecido como o livro “das carinhas”, é ainda hoje um material de referência nas instituições de educação infantil no Brasil. Provavelmente esta lista poderia ser bem maior. Uma busca simples no Google Acadêmico retorna 1.230 referências a Fúlvia Rosemberg.

1. A Plataforma Lattes é um Sistema Nacional Integrado de Currículos e Grupos de Pesquisa, organizado e operacionalizado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2. O Google Acadêmico é uma ferramenta de pesquisa literário-acadêmica utilizada como medida de visibilidade e relevância de pesquisas.

Parte das suas produções não resultou em artigos acadêmicos; foram textos elaborados para apresentações em diferentes espaços acadêmicos e de militância. Suas arguições, fossem escritas ou orais, eram marcadas por posições bem fundamentadas e por vezes polêmicas: Fúlvia era direta, apresentava questionamentos desconcertantes e justificativas consolidadas para suas convicções. Esses textos foram localizados no momento em que Márcia Caxeta, leal assistente e amiga, organizava os arquivos de Fúlvia em sua sala e no computador na Fundação Carlos Chagas (FCC), após o seu falecimento, ocorrido em setembro de 2014. Surgiram 45 “escritos” elaborados para apresentações orais. Essa descoberta nos inspirou a criação deste livro em homenagem a ela. A colcha que vinha sendo tecida por Fúlvia não poderia ser interrompida, nem se perder; precisava ser compartilhada para inspirar novas costuras, por outros tecelões.

O primeiro passo foi verificar se alguns destes textos já haviam sido publicados integral ou parcialmente. A leitura mostrou sobreposição de ideias em alguns deles. Por fim, tínhamos em mãos nove textos, dos quais cinco dedicados à temática da educação infantil e quatro às relações raciais e ações afirmativas. De imediato pensamos em Maria Malta para apresentar o conjunto de textos de educação infantil e Valter Silvério para o de relações raciais. A separação dos nove textos em dois blocos é apenas didática, para dar ênfase a aspectos específicos dos interesses de Fúlvia. No entanto, ver-se-á que os textos, em diferentes graus, articulam três categorias centrais em seu pensamento: gênero, educação infantil e relações raciais.

É importante destacar que esses textos selecionados para o livro são em sua origem apresentações orais, não tendo por característica o estilo e a formatação de um artigo acadêmico. São o que se poderia chamar de intervenções político-acadêmicas. Alguns não informam referências bibliográficas completas. Fizemos um esforço para localizar a maioria destas. Nem sempre tivemos sucesso. Outra dificuldade foi em relação aos dados sobre o local de apresentação de alguns textos. Mesmo buscando nos arquivos da FCC e no currículo Lattes de Fúlvia, há casos em que não havia o registro do evento. Ainda

assim, decidimos pela publicação deles, em razão da sua riqueza e da forma como apresentam suas ideias e críticas, além de deixar várias questões em aberto, que, ao serem publicizadas, poderão estimular novas pesquisas, novas reflexões e, assim, concretamente, dar continuidade à tessitura da colcha iniciada por Fúlvia.

Uma proposta inicial de publicação destes escritos inéditos foi apresentada à Cortez Editora, que prontamente aceitou a parceria com a FCC. O Sr. José Xavier Cortez sugeriu a inclusão de um encarte de fotos da trajetória de Fúlvia nestes *Escritos de Fúlvia Rosenberg*.

No processo de preparação do livro, a publicação foi sendo ampliada. A localização dos originais do Memorial, feita pela bibliotecária da FCC, Maria José Oliveira Souza, apresentou-se como uma matéria-prima. Numa narrativa autobiográfica, própria desse tipo de registro, Fúlvia teceu sua trajetória profissional. Ela ofereceu ao leitor, por meio da metáfora de uma costura, a construção da sua identidade profissional, de pesquisadora renomada já na época do concurso para transformar-se em docente-pesquisadora. Fúlvia via a universidade como um espaço de interação para pesquisadores, de ampliação de seus interlocutores, incluindo aí seus alunos e orientandos, aos quais disponibilizava generosamente seus saberes e inquietações na construção de novos campos de pesquisa. Escolhemos a introdução do Memorial para iniciar os *Escritos de Fúlvia Rosenberg*.

Para quem a conhecia mais de perto, dois eram os seus principais espaços de atuação e de interlocução: na FCC, onde permaneceu por 34 anos como pesquisadora, e na PUC-SP, como docente-pesquisadora. Na PUC coordenou o Núcleo de Estudos de Gênero, Raça e Idade (NEGRI), institucionalizado em 1992. Esse Núcleo foi responsável, nos seus 22 anos de existência, pela formação de dezenas de mestres(as) e doutores(as). O NEGRI deixou de existir com a partida de Fúlvia. Ainda assim, a colcha neste ponto não se interrompe. Convidamos alguns integrantes do NEGRI para registrar neste livro parte do legado de Fúlvia como orientadora ao mesmo tempo rígida e carinhosa. São dois textos publicados que retratam os processos de produção das teses e dissertações gestadas no NEGRI. O legado teórico e con-

ceitual é apresentado no artigo “Estudos Sociais da Infância: uma revisão”, escrito por Maria Sílvia Ribeiro, Carla Pellicer dos Santos, Maria Eduarda Abrantes Torres e Alciene Alves Ferreira, e destaca a trajetória da construção desse campo teórico no Brasil e sua interface com os estudos europeus e norte-americanos. Em “Aqui ou além-mar: Fúlvia Rosenberg, ‘Pelo direito das crianças e dos negros’”, Marta Lúcia da Silva e Marcos Antonio Batista da Silva descrevem os processos cotidianos vivenciados no estilo peculiar de orientar de Fúlvia: ao convidar seus alunos para sessões de orientação em casa, levava a fundo a interação público e privado. No espaço doméstico e familiar, Fúlvia trazia reflexões e descobertas do trabalho e, para o trabalho, vivências e emoções vividas no privado. Era nessa relação, ora coletiva, ora individual, que os alunos teciam com Fúlvia discussões teóricas e metodológicas que resultariam em dissertações e teses.

Os *Escritos de Fúlvia Rosenberg* terminam com um rico e inédito material, encaminhado por Rita Coelho, fruto de uma consultoria realizada para a Coordenação de Educação Infantil (Coedi) e para o Ministério da Educação (MEC) em 2013. Ao comparar dados do Censo Demográfico do IBGE e o Censo da Educação Básica do INEP, Fúlvia desvendou as discrepâncias entre as conceituações de educação infantil e o número de crianças matriculadas nas creches. Apesar de ser diferente em forma e estilo dos textos anteriores, decidimos incorporá-lo ao livro porque era a oportunidade de compartilhar suas últimas análises em que convergem dois importantes interesses de pesquisa e militância: a garantia da visibilidade dos bebês e a mensuração das desigualdades por meio das estatísticas oficiais.

Tal como Fúlvia concluiu em seu Memorial, nosso sentimento é também o de que a costura precisa continuar; são várias as inquietações deixadas pelos *Escritos de Fúlvia Rosenberg* que devem estimular e provocar outras pesquisas acadêmicas, sem deixar de lado as provocações políticas.

Parte 1

FÚLVIA, POR ELA MESMA: UMA PESQUISADORA-DOCENTE

Memorial de Fúlvia Rosemberg: Introdução*

Durante um seminário metodológico aqui, na pós-graduação, dediquei algumas horas de trabalho com os(as) alunos(as) para discutir um determinante geralmente oculto na produção de conhecimentos: as contingências da vida profissional. Mostrei-lhes o anverso da atividade acadêmica, descrevendo o mundo concreto em que se move quem faz pesquisa, quem trabalha produzindo e divulgando conhecimento. Percebi ter sido, para alguns, uma experiência de perda da inocência.

Revisando minha vida profissional, neste momento, a contingência voltou a chamar minha atenção. Muitos dos caminhos que segui — alguns decisivos, concretamente documentados no *curriculum*, e que marcaram minha produção — foram orientados por determinações mais amplas do que minha vontade. No que fiz, e deixei de fazer, sofri injunções concretas de ser mulher de classe média e viver o momento que vivi.

Fui aluna de um curso de Psicologia em constituição, portanto, estimulante e aberto; o golpe militar e a desesperança com o sonho

* Este texto constitui a parte inicial do memorial apresentado por Fúlvia Rosemberg durante o concurso realizado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 1993. (N. do E.)

da Universidade de Brasília (onde certamente trabalharia numa perspectiva skinneriana); a ida para o laboratório que fora dirigido por Wallon, possível por relações de amizade; viver maio de 1968 em Paris, o fim da bolsa de estudos com a tese pela metade, a volta necessária e o medo de um fracasso possível; o trabalho numa clínica psicológica para comprar passagem e acabar a tese (a certeza, posterior, de que a clínica não era meu caminho); a possibilidade de compreensão e de estímulo, por parte do Sérgio,¹ para que eu voltasse sozinha para a França e terminasse a tese; o desalento com o país durante o governo Médici e a nova partida; a necessidade de uma pesquisadora (que aceitasse baixo salário) no mesmo laboratório de Wallon para participar de uma pesquisa sobre teatro para crianças; o fantasma de uma separação conjugal que me leva a pensar, mais seriamente, na sobrevivência autônoma em Paris, e a Universidade precisando de uma jovem assistente; o encontro social com Ana Maria Poppovic, que me convida para trabalhar na Fundação Carlos Chagas (FCC); o desejo de um filho, a gravidez, e a volta com um bebê em 1974; o encontro com feministas lá, e o Ano Internacional da Mulher (1975), que abre possibilidade de ação aqui; a existência de um grupo de pesquisadoras inquietas na FCC; a necessidade de encontrar uma solução de guarda para o André (primeiro filho), numa conjuntura familiar complicada, que me leva a optar pela solução creche, e meu contato diário com essa instituição; a Fundação Ford, que abre linha de financiamento sobre relações de gênero; o início da distensão política e a possibilidade de trabalhar com temas malditos, de sair do terceiro andar do prédio da Fundação e participar, como pesquisadora, da mobilização de mulheres; a flexibilidade de uma instituição privada (a FCC), que acolhe novos temas e novas práticas do(a) pesquisador(a); a incumbência (quase imposição) de coordenar o jornal *Mulherio*; o encontro profissional com Maria Malta Campos, o interesse comum por creches; a reconciliação afetiva adulta com minha mãe, que possibilita uma experiência de criar ficção em literatura infantojuvenil; a Júlia (segunda filha), que já está suficientemente

1. Esposo de Fúlvia Rosemberg à época. (N. do E.)

crescida e pode me liberar para mais um emprego: o de professora da Pós-Graduação em Psicologia Social na PUC-SP.

Recupero, em minha trajetória, também o que, por contingência, deixei de lado e poderia ter redundado em outro perfil profissional: um desejo inicial de trabalhar em Psicologia Animal (incompatível com a bolsa de estudos); abandonar o estágio no serviço de Irène Lezine por dificuldade de relacionamento humano (o que me teria permitido um contato profissional maior com a questão da creche em 1970); deixar de lado um aprofundamento da abordagem estruturalista (que me fascinava) por não ser privilegiada no laboratório de Wallon; abandonar o campo de estudos sobre literatura infantojuvenil por querelas de capela; desistência de um projeto de criação de textos não sexistas por falta de financiamento; impossibilidade de aprofundar o conhecimento sobre a vertente psicológica do trabalho da pajem na creche por não convir ao conjunto de projetos para os quais se solicitava financiamento; desistir de participar de um projeto sobre cortiços com Felícia Madeira, o que me permitiu, em seguida, aceitar a coordenação de uma pesquisa sobre educação dos negros; postergar um pós-doutoramento pela idade das crianças e pela dinâmica familiar; acariciar, apenas como sonho possível, para não sei quando, uma pesquisa sobre determinantes políticos da ação do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) voltada para crianças subdesenvolvidas.

Com certeza: o contingencial se evidencia no repassar a vida profissional. Foram retalhos que fui reconhecendo. Mas percebo também uma colcha que foi sendo costurada, combinando textura e estamparia. Reconheço, sim, a figura de um tecido, minha identidade profissional. Sou pesquisadora.

Pode ser paradoxal que minha identidade profissional, neste concurso para professor associado desta Universidade, seja afirmada pela atividade de pesquisa. E mais: pela atividade de uma pesquisadora que se desenvolveu fora da Universidade. É assumindo esta identidade, produto de uma trajetória peculiar e que se reflete no perfil profissional talvez pouco habitual nas crias da Universidade, que pleiteio o

título de professora associada. O peculiar (não individual, talvez mesmo generalizável para trajetórias semelhantes) é que há uma anterioridade essencial (e não apenas cronológica) da pesquisadora sobre a docente: foi para a pesquisa e através dela que adquiri, organizei e sistematizei o conhecimento que uso, então, na função de docente.

Quando assumo esta identidade, e com ela pleiteio o título universitário, não há qualquer olhar hierárquico. Não considero que minha trajetória seja a certa ou a melhor. Apenas considero que, neste momento, é rica, para a Universidade, a convivência de docentes que organizam e sistematizam conhecimentos através de processos diversificados. Acrescento também que, para a pesquisadora, a experiência docente é enriquecedora. Argumento apenas que a produção de conhecimento de pesquisador fora da Universidade e do docente-pesquisador seguem processos diversos.

Fiquei tentada em enveredar por uma análise sobre a diversidade da estrutura de poder dentro de ambas as instituições. Controlei esta tentação; necessito, porém, mencionar um aspecto: a promoção na hierarquia de poder/salário em instituições de pesquisa não é sancionada internamente, mas através de titulação universitária, portanto, externa. Nesse sentido, a produção interna à instituição de pesquisa não é concorrencial, ou pelo menos não percebo o mesmo nível de concorrência que pode existir na Universidade. Um pesquisador não dispõe, por exemplo, de qualquer mecanismo facilitador ou dificultador para que seu colega se candidate a concursos, obtenha títulos, desenvolva projetos. A competição não deixa de existir, mas não tem condições para bloquear trabalhos, pois não se concretiza na burocracia legitimadora de hierarquias. Assim, a trajetória é mais livre e, na instituição de pesquisa, tem-se maior possibilidade de trabalhar em equipe.

A possibilidade de constituição de equipes fornece a base para outra característica, a meu ver essencial, das instituições de pesquisa: a interdisciplinaridade. Este talvez seja o ponto central para discutir a particularidade da trajetória de um pesquisador fora da Universidade: sua liberdade frente ao recorte disciplinar único. Ocorrendo menor

cerceamento ao trabalho em equipes, a interdisciplinaridade é possível e necessária. A relação principal não se estabelece, obrigatoriamente, com a disciplina (ou com teorias dela decorrentes), mas tende a se estabelecer com o tema, a questão, o problema. A linha de pesquisa não antecede obrigatoriamente a pesquisa: é a partir dela que vai se construindo.

É verdade. Na Universidade, também tem sido possível trabalhar dessa forma, através de núcleos e centros de pesquisas e estudos que vêm sendo criados, justamente, para responder a esta necessidade: reunir docentes que compartilham questões, problemas, temas que ultrapassam o recorte disciplinar. São, por exemplo, os núcleos de estudos sobre a mulher; os núcleos de estudos afro-brasileiros; sobre a família; entre outros.

Esta liberdade frente ao recorte disciplinar eu trago para a Universidade. Ela foi formalmente assumida por mim quando propus esta banca composta por professoras que vêm trabalhando em disciplinas diversas e que correspondem, na Universidade, aos marcos que ponteiavam minha produção. Essa liberdade frente ao recorte disciplinar também é assumida pela própria Universidade: meus orientandos (formais e informais) provêm de diferentes programas de pós-graduação; tenho participado de bancas de diferentes disciplinas. Sou vista pela comunidade acadêmica como “especialista” em alguns temas (literatura infantil, criança/menor, mulher, creche, negros) e técnicas (análise de conteúdo, de dados demográficos, de pesquisa bibliográfica/documental).

Uma outra decorrência da liberdade disciplinar é de o pesquisador ser muitas vezes chamado ou se dispor a trabalhar sobre temas que ainda não se constituem em objeto de conhecimento acadêmico. Nesses casos, o que se tem diante de si são questões ou problemas que podem se transformar, pelo trabalho do pesquisador, em objeto de conhecimento. Questões e problemas atuais, diretamente saídos da vida concreta, sem abstrações generalizantes.

Essa proximidade com o concreto, com o atual permitiu que em minha vida profissional interagisse fortemente com esferas não aca-

dêmicas: com minha vida diária, com o que estava vivendo na esfera privada; com interlocutores muito diversificados.

Na vida privada, a interação se deu nos dois sentidos: trazer para casa reflexões e descobertas do trabalho e levar para o trabalho, para a reflexão/produção de conhecimentos, observações, emoções e experiências que vivi no privado.

A contemporaneidade das questões com as quais trabalhei também abriu o campo dos interlocutores com os quais interagi no processo de realização da pesquisa ou de produção do conhecimento. Quando se trabalha com questões diretamente vinculadas à vida concreta, vários segmentos sociais se interessam pelo produto de seu conhecimento porque pode informar, alterar, aprofundar ou sistematizar sua prática. Daí a quantidade e diversidade de palestras, cursos, conferências, assessorias, seminários dos quais participei. Isso não significa, a meu ver, uma voracidade curricular. Essa diversidade pode refletir um componente da identidade da pesquisadora que se construía no momento de mobilização e organização dos movimentos sociais neste país: busca de interação com o público. Comparo-a à crise de identidade que Eder Sader desvela em sua tese sobre militantes de organizações de esquerda após a debacle da opção pela luta armada. A busca de uma identidade junto ao povo, às massas desconhecidas, em nome do qual se falava e agia. Não esqueço que pesquisadores, dentro e fora da Universidade, se propuseram, academicamente, a formalizar essa interação e esse convívio: daí a proliferação (não pejorativa) do emprego de metodologias participativas e o ímpeto, nesse período, da pesquisa participante.

Mas nem todos os problemas, nem todas as questões, nem todos os projetos de pesquisa aceitam essa metodologia. Outras formas de interação foram buscadas e uma delas se deu através de uma grande disponibilidade do pesquisador para a divulgação de seu trabalho. Houve tempo, mesmo, em que o compromisso com a divulgação pôde ser considerado mais intenso do que a produção de conhecimento: chegou-se a produzir “conhecimento” a serviço da divulgação para uso militante.

A interação com interlocutores variados incluiu também o diálogo (às vezes intempestivo, por vezes irritante, ou falação entre surdos) com o poder público, concretizado diretamente através de assessorias ou da busca de conhecimentos suscetíveis de serem absorvidos na elaboração e na implantação de políticas públicas.

Percebo que essas interações com a vida privada e com interlocutores diversificados interferiram no próprio curso de pesquisas em andamento e na produção do conhecimento em construção. Um exemplo que me vem fortemente provém da pesquisa “Modelos culturais na literatura infantojuvenil brasileira”,² cujo objetivo essencial era captar o significado social da infância, enquanto relação de idade, usando como artefato metodológico livros produzidos para crianças. No desenvolver dessa pesquisa, dei várias entrevistas para a grande imprensa: uma delas, em 1979, a respeito da violência nos meios de comunicação de massa. Vivíamos sob o governo do general Figueiredo. Sociedade civil, organizações políticas, debatíamos-nos pelas liberdades democráticas. Pela mudança do regime. As declarações emitidas foram bem recebidas por profissionais da área de comunicação, que me convidaram para falar em um congresso programado para dali alguns meses. Vivía um tempo em que meu filho, André, era um telespectador assíduo. Assistíamos juntos a alguns programas, e observava seu prazer provocado pela publicidade de um brinquedo em voga, o Falcon. Passei a prestar atenção às propagandas para criança e comecei a compará-las com o que estava observando em literatura infantojuvenil. Solicitei a alguns profissionais da área se poderia dispor de filmes publicitários para crianças. Assisti a vários deles com uma colega: as ideias foram se precisando a respeito das diferentes funções que a criança pode desempenhar como intermediária no circuito produção-consumo de mercadorias e bens culturais, e o quanto isso determina as mensagens que lhe são destinadas. Esta

2. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em *Análise dos modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira* (São Paulo: Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas; Brasília, DF: Ipea, 1980). A respeito também se pode consultar *Literatura infantil e ideologia* (São Paulo: Global, 1985). (N. do E.)

comunicação no Congresso de Publicitário³ deu origem a um pequeno texto (“A ilha dos prazeres”), cujas ideias foram incorporadas à literatura infantojuvenil (“Eu consumo, tu me consomes”),⁴ ideias que, a meu ver, constituem uma contribuição importante para a compreensão de discursos destinados a crianças, situando-os também no campo do consumo de bens culturais e de mercadorias. Participei, simultaneamente, de longos debates sobre ética e propaganda para crianças. Em decorrência, iniciei discussões sobre implicações éticas do uso de crianças como sujeito de pesquisa.

Esta tem sido minha forma de trabalho. O ingresso na universidade como docente permitiu a ampliação dos interlocutores, que incluem, agora, de modo sistemático, professores(as) e alunos(as). É assim que vivo a Universidade: um espaço de interação para a pesquisadora. Daí a minha busca, sempre que possível, de seminários monográficos que correspondam ao objeto da pesquisa em curso. É o momento de fruição profissional e humana, quando percebo troca, isto é, que os(as) estudantes não apenas recebem, mas instigam e participam de meu trabalho. Daí a disponibilidade, a exigência e, por vezes mesmo, a insurgência (esta última quanto aos cânones acadêmicos) na orientação de pesquisas que se transformarão em dissertações ou teses, pois o compromisso é com o(a) pesquisador(a) em formação. Daí também a fuga (absolutamente transparente em meu currículo) de atividades acadêmicas administrativas.

Esta é minha forma de trabalho, esta identidade profissional de pesquisadora forjada fora da universidade e no período em que vivi contém elementos para a compreensão da diversidade de minhas atividades profissionais, do processo de produção/divulgação de conhecimento que tem caracterizado meu trabalho e que se transformou para a Capes na abstração da linha de pesquisa “Socialização e relações de gênero, raça e idade”.

3. Foi mantida a referência dada pela autora, sem indicação de lugar ou data de realização do congresso. (N. do E.)

4. Cf. “Eu consumo, tu me consomes”, publicado na revista *Cadernos de Pesquisa* (São Paulo, n. 31, p. 41-8, 1979). (N. do E.)

Percebo meu trabalho como tendo sido, e sendo, um processo em construção, seguindo um caminho de tipo indutivo, onde as experiências novas procuram ser integradas às anteriores ou abrir novos espaços. A diversidade de experiências, de caminhos é vivificante, mas também geradora de inseguranças. Porque tenho a sensação constante de um conhecimento por vir, de uma sistematização ainda em processo.